



A SEXUALIDADE FRENTE A MORAL CRISTÃ: CONDUTAS E INFLUÊNCIAS LEVADAS AO BRASIL COLÔNIA

André Alexandre Gasperi¹

RESUMO: *A base da moral cristã iniciou na Idade Média e passou pelo Renascimento. No século XVI o retorno incisivo do cristianismo, tornou a afirmar e modificar as condutas sexuais; além do surgimento das Reformas Cristãs e as estratégias de evangelização da massa e aculturação social; nesse período moderno ocorre o retorno da Inquisição, grande contribuinte na civilidade sexual; visando a relação heterossexual, procriadora e conjugal, assim via os eclesiásticos acerca da sexualidade. O processo civilizador ganhou força com a intervenção do Estado no século XVII, esse que interviu na moral social pública e privada, visando o controle das práticas culturais e íntimas da sociedade. Costumes impostos foram praticados, condicionados desde a infância até a fase adulta, processo de fixação e habituação. Por fim, tal processo influenciou demasiadamente na sexualidade da Europa, logo interviu na colônia lusitana.*

PALAVRAS-CHAVE: *Civilidade; Colônia; Cristandade; Moralidade; Sexualidade.*

ABSTRACT: A foundation of Christian morality began in the Middle Ages and passed through the Renaissance. In the sixteenth century the incisive return of Christianity, made a claim and modify as sexual conduct; In addition to the emergence of the Christian Reforms and the strategies of mass evangelization and social acculturation; This period occurred in the Inquisition, a great contributor to sexual civility; Aiming at a heterosexual, procreative and conjugal relationship, so did ecclesiastics on sexuality. The civilization process gained strength with the intervention of the State in the seventeenth century, which intervened in public and private social morality, aiming at controlling the cultural and intimate practices of society. Tax customs, conditioned from a childhood to an adult stage, process of fixation and habituation. Finally, this process influenced too much the sexuality of Europe, soon intervened in the colony *portuguese*.

KEYWORDS: *Civility; Cologne; Christianity; Morality; Sexuality.*

1. Introdução

As condutas sexuais levadas à colônia portuguesa estavam permeadas pelas moralidades cristãs, a base dessa tradição teve influência na Idade Média. Para entender todo esse processo se faz necessário compreender as transições e suas modificações, deste modo adentrando ao Renascimento no século XIV, e logo ao período do arremate, o século XVII. Além de esclarecer a conduta sexual pelo viés europeu, a realidade no território lusitano era

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Contato: andre_gasperi@hotmail.com.



muito diferente da Europa, dessa forma os acontecimentos não se dariam na mesma magnitude.

A base da moral sexual cristã se iniciou na Idade Média. Neste período foram sentidas as influências de Agostinho, que propagou suas concepções sobre a relação sexual: o ato sexual pelo prazer não era permitido. Seu único intuito deveria ser para procriação, dentro do matrimônio uma vez que ele considerava impura a copulação conjugal. Outro grande influenciador foi Tomás de Aquino, autor de *Suma Teológica*, ele procurou classificar as irracionalidades da sexualidade, fato contribuinte que fortaleceu a moralidade sexual. Deste modo essas influências adentraram na sociedade renascentista, fase transitória. Mary Del Priore (2011) em seu livro *História Íntimas*, abordou também a questão de como a sociedade renascente lidava com as questões sexuais, utilizou do conceito de “modernidade” para esclarecer que não eram tão modernos assim, ou seja, pelas influências vindas da Idade Média não deixariam a tradição em poucas gerações na recente transição. Sabemos que, com o passar do tempo e as novas gerações o contexto se modifica e a forte repreensão da sexualidade começara a decair, o prazer ganha espaço em detrimento do sexo procriador. Além disso haverá o aumento do Homoerotismo citado por Ronaldo Vainfas (1997) em *Trópicos dos Pecados*, que relata que na Itália renascentista, precisamente em Florença, de 1403 foi crescente os casos de sodomia, de tal forma que toda Europa teve conhecimento da prática sodomítica, fazendo com que os italianos ficassem conhecidos por “Vício Italiano”. Na colônia portuguesa do século XVI, também começa a decair por curto período a repreensão da sexualidade.

O que a sociedade renascentista e colonial não previa era o surgimento das Reformas Católicas e Protestantes em meados no século XVI, essas que iriam arrematar toda a moral sexual cristã. Além disso, nesse período ocorreu o retorno da inquisição, onde seu objetivo inicial foi: combater as diversas vertentes do cristianismo; parar o avanço do protestantismo, mas nada impediu de intervir na construção da moral sexual. Já os protestantes utilizaram as escrituras para comprovar as suposições argumentadas acerca da sexualidade.

Para manter a sociedade imersa e no regime, haviam os mecanismos de controle das condutas cristãs. A confissão auricular era a mais utilizada, tanto na Europa quanto na colônia. As acusações partiam da sociedade (vizinhos, amigos e até parentes), as pessoas cuidavam da vida uma das outras. Michel Foucault (2015), na *História da Sexualidade v.1*, aborda o “policar da língua”, cuidados ao lidar com os assuntos em público e no privado, para não ocorrer situações inesperadas com os Inquisidores.



A inquisição auxiliou no processo civilizador sexual, onde os absolutos² – a maioria devotos do cristianismo – influenciaram na identidade nacional do estado, visando o controle da sociedade, nas práticas culturais e íntimas.

Roger Chartier (2009) em *História da vida privada v.1*, fala sobre os manuais de civilidade, esses que irão promover as condutas da sexualidade e sociabilidade no público e privado.

O amadurecimento dos hábitos se deu por diversas influências, sendo a religiosidade dona da maior fatia. Costumes impostos e praticados, condicionados da infância até fase adulta. Costumes que Norbert Elias (1994) se refere no *O livro Processo Civilizador*. Todo esse processo foi levado à colônia por meio das diversas classes sociais. A partir do século XVII diversas famílias conceituadas vieram à colônia, ainda mais com as frequentes visitas da inquisição. O desejo do povoamento pela monarquia visava a expansão na colônia, não importava de que forma ocorresse, não se importavam com as moralidades cristãs, estavam focados em suas metas. A Companhia de Jesus tentou interferir nesse processo, queriam manter o conceito de civilidade no qual acreditavam desde o início na colônia portuguesa.

2. Metodologia

O método foi utilizado a fim de trazer uma parte da história acerca da proibição da sexualidade, além de amarrar o processo e a formação desse *Tabu* que influenciou a colônia lusitana. A metodologia é abordada por Carlo Ginzburg (1989) em seu livro “*Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*”, precisamente no capítulo “*Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*”, onde irá explicar as multifaces do método dedutivo e sua essência. Ginzburg inicia a narrativa por meio dos historiadores da arte, eles que utilizam o método para distinguir as obras originais das cópias, sempre analisam os detalhes que a maioria não observa, tais como: formas dos dedos das mãos e pés; lóbulos das orelhas e unhas. Conforme Ginzburg (1989), o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos

² Vejamos a resposta do rei Luís XV ao parlamento de Paris, em 3.3.1766, para esclarecer tais questões de poder. Gustavo Freitas, *900 Textos e Documentos de História – E somente na minha pessoa que reside o poder soberano... é somente de mim que os meus tribunais recebem a sua existência e a sua autoridade; a plenitude desta autoridade, que eles não exercem senão em meu nome, permanece sempre em mim, e o seu uso nunca pode ser contra mim voltado; é unicamente a mim que pertence o poder legislativo, sem dependência e sem partilha; é somente por minha autoridade que os funcionários dos meus tribunais procedem, não à formação, mas ao registro, à publicação, à execução da lei, e que lhes é permitido advertir-me o que é do dever de todos os úteis conselheiros; toda a ordem pública emana de mim, e os direitos e interesses da nação, de que se pretende ousar fazer um corpo separado do Monarca, estão necessariamente unidos com os meus e repousam inteiramente nas minhas mãos.* (p.202). Poder absolutista, comandavam o legislativo e a ordem.



para analisar o mal específico de cada doente. (p.157). Além da área médica e seus métodos dedutivos, Carlo irá abordar as noções de caça passados de gerações a gerações, e a fábula oriental dos três irmãos que foram presos por detalhar as características de um cavalo perdido que nem o conheciam, acusados de roubo e submetidos ao julgo, essa fábula rememora a criação de Voltaire, “*Zadig*”, logo a definição do “*método de Zadig*” – que visa a retrospectiva também de forma interdisciplinar – em 1880 por Thomas Huxley. Ginzburg, compara a pesquisa as tramas de um tapete, onde os vestígios históricos e diversas áreas do conhecimento se amarram no decorrer da escrita.

3. Objetivo

Atualmente em nossa sociedade permanece certo constrangimento ao se abordar o tema da sexualidade, ou seja, falar de sexo ainda é um *Tabu*. Tratar a temática dentro do processo educativo, no currículo escolar, tem levantado uma série de polêmicas. Com essa perspectiva a pesquisa buscou entender o processo histórico do constrangimento sexual entre os séculos XIV ao XVIII, ressaltando influências e condutas que adentraram o Brasil colonial.

4. As influências da Idade Média frente a sexualidade no Renascimento

Para tratar das temáticas acerca da moral sexual na modernidade, se faz necessário o retorno a Idade Média, logo ao Renascimento, deste modo salientar influências entre os séculos XIV ao XVIII. Visto que o cristianismo abordou demasiadamente a conduta sexual:

Na versão católica da Reforma, procurou-se já antes de Trento, mas sobretudo após 1563, defender o matrimônio enquanto sacramento e instituição. Era assunto delicado, já que a postura da Igreja em face do matrimônio sempre fora problemática, e durante séculos permanecera o casamento como união profana, o "menor dos males", remédio para os que não conseguiam viver castos - era o que pregava São Paulo na Epístola aos Coríntios (1 Cor 7,8). Até o século XII foram poucos, como Santo Agostinho, os que viram o casamento como sagrado, mas mesmo o insigne teólogo associava sacramento matrimonial com fidelidade e procriação, considerando impura a cópula conjugal em si. (VAINFAS, 1997, p.22)

O sexo para procriação, casamento viabilizando essa prática, assim esse conceito adentrou na modernidade. Atentamos às vivências das pessoas nesse processo transitório, a igreja medieval exercendo a coerção na vida privada da sociedade, logo ocorre o Renascimento no século XIV e consigo a intervenção da Antiguidade no cotidiano, deste modo os valores impostos começaram a ser balanceados³. Porém não sanados, pois intrínseca permanecia a

³ O Renascimento redescobriu a Antiguidade grega e latina na literaturas, artes e ciências. Os letrados aderiram ao conhecimento, muitos deles chegaram a assumir os ideais e valores. Esse renascer também se deu ao



moral cristã, abordar às questões sexuais não era permitido, a sociedade estava imersa nas condutas sexuais. “A Idade Média deixou-nos grande volume de informações sobre o que era considerado comportamento socialmente aceitável.” (ELIAS, 1994, p.74). Tantas foram as informações, visto que a visão do certo ou errado nas relações íntimas se deu também pela influência de “[...] Tomás de Aquino. O célebre autor da *Suma Teológica* procurou, antes de tudo, classificar os grandes pecados que implicassem desvios irracionais da sexualidade natural [...]” (VAINFAS, 1997, p.154). Na classificação dos pecados visava como errado todas as outras formas de relações sexuais, menos a heterossexual, a natural e procriadora, relação sexual só poderia ser realizada após o matrimônio⁴.

A historiadora Priore (2011), trabalha com o conceito de modernidade no intuito de esclarecer de como a sociedade renascentista lidava com as questões da sexualidade. O renascimento faz essa alusão ao renascer do entendimento, onde as pessoas começaram a lidar melhor com o assunto da sexualidade, mas, não é isso que Priore nos mostra, e sim, as morais cristãs estavam impregnadas na sociedade renascentista (a transitória):

Os séculos ditos “modernos” do Renascimento não foram tão modernos assim. Um fosso era então cavado: de um lado, os sentimentos, e do outro, a sexualidade. Mulheres jovens da elite eram vendidas, como qualquer animal, nos mercados matrimoniais. Excluía-se o amor dessas transações. Proíbiam-se as relações sexuais antes do casamento. Instituíram-se camisolas de dormir para ambos os sexos. O ascetismo tornava-se o valor supremo. Idolatrava-se a pureza feminina na figura da Virgem Maria. Para as igrejas cristãs, toda relação sexual que não tivesse por finalidade a procriação confundia-se com prostituição. (PRIORE, 2011, p.42)

O conservadorismo e a forte tradição cristã nos assuntos da sexualidade, tratava o casamento como negócio⁵. Saliento, que os desejos sexuais e o matrimônio se interligavam, a curiosidade

progresso, assim aborda Delumeau (1983). Pois o Renascimento foi, especialmente, progresso técnico; deu ao homem do Ocidente maior domínio sobre um mundo mais bem conhecido. Ensinou-lhe a atravessar os oceanos, a fabricar ferro fundido, a servir-se das armas de fogo, a contar as horas com um motor, a imprimir, a utilizar dia a dia a letra de câmbio e o seguro marítimo. (p.23)

⁴ Na Idade Média muitas restrições foram propagadas, a sexualidade fora uma delas: não era permitido realizar o sexo pelo prazer, assim surgem os tabus, nesse caso as proibições sexuais. Freud (2013). Trata-se, então, de toda uma série de restrições a que se submetem esses povos. Isso ou aquilo é proibido, não sabemos por quê, e também não lhes ocorre fazer a pergunta; eles apenas as cumprem como algo óbvio, e estão convencidos de que uma transgressão será punida automaticamente, de forma severa. (p.16). Uma das características para se tornar tabu é não pensar, falar ou praticar, privam de sua liberdade, logo se assim os fazem, punição, no caso da Idade Média tivemos uma grande repreensão por meio da Inquisição, visto que os transgressores eram utilizados como exemplo.

⁵ Roger Chartier, *História da vida privada* v.3 – O ato sexual não exige intimidade, apenas o isolamento fora da comunidade. Assim, nos casamentos por interesse o coito era uma espécie de masturbação a dois, não havendo intimidade espiritual. Se os cônjuges não confiam um no outro, se o desejo de expressar o íntimo do ser se esgotou ou nunca se manifestou, o discurso da amizade está ausente da correspondência do casal. A esposa é designada como “amiga”, pois seria quase uma afronta não lhe dar esse título. No entanto, não é desconhecido o tratamento “senhora” reservado à esposa. Se o casal não tem intimidade, suas relações são civis. (pp.256-257). Visto que, possuir um matrimônio por apenas amizade sem a relação sexual fomentará a relação extraconjugal.



do sexo aguçava os sentidos e a experiência, o ato sexual só poderia ocorrer após a cerimônia. Praticar o sexo antes do casamento era visto como pecado e afronta a igreja. O ascetismo na dominação dos prazeres carnis e utilizando o sexo à procriação, prática remetente a personalidade mais influenciadora na formação da moral sexual, Santo Agostinho⁶. Por mais que as influências cristãs rodeavam a sociedade e permeava a sexualidade impondo condutas sexuais, embasadas das morais, vemos que entre as pessoas havia as suas próprias recomendações:

Se, antes do século XVII, o coito era recomendado quando praticado com regularidade e sem exageros, a partir desse período, o quadro muda e intensifica-se uma censura ao sexo, considerado causa de perturbações de saúde e mesmo de moléstia contagiosa. Torna-se consensual a noção de que o prazer é a pior fonte dos males do corpo, conforme vinha afirmando a moral cristã, havia mais de um século. (*Ibid*, p.33)

Nota-se o afrouxar⁷ sobre a relação sexual procriadora nesse período transitório entre os séculos XIV à XVII. Além disso ocorre o movimento do deliciar-se com o prazer, porém deveria ser encoberto; além de possuir relações sem matrimônio⁸. A Itália torna-se um grande exemplo no afrouxar e no mecanismo de civilidade sexual, amarrando a conduta no viés da heterossexualidade:

Na Florença de 1403, a exemplo de outras Cidades, criou-se a Onestà, associação encarregada de vigiar a moralidade pública e, sobretudo, de favorecer a prostituição em detrimento da sodomia. A Itália viu nascer, assim, sua famosa *civiltà puttanesca*, mas nem por isso a sodomia deixou de ser conhecida em toda a Europa pelo sugestivo nome de "vício italiano". (VAINFAS, 1997, p162)

A partir dessa constante vigília da associação Onestà, há o remate às condutas cristãs, não em sua totalidade, mas sim, parcial, onde a relação sexual deveria ser realizada apenas com o sexo oposto. Visto que favoreceu a prostituição e se tornaria um meio de “saúde pública”, por mais que Florença tenha adotando tal meio ainda via o prazer como pecado⁹. É interessante

⁷ Michel Foucault, *História da sexualidade v.1* – relata, que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas eram feitas sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. (p.07). Com o surgimento do processo civilizador os assuntos acerca da sexualidade serão proibidos.

⁸ Ronaldo Vainfas, *Trópico dos pecados* – Na Europa do século XVII, o concubinato entrou em franco declínio, espelhado no recuo das taxas de ilegitimidade entre crianças batizadas – o que se deveu, em boa medida, a propaganda moralista das Reformas Católica e Protestante. (p.83) A prática havia se naturalizado, com as reformas ocorrida ao fim do século XVI, há o retorno das moralidades sexuais.

⁹ Mary Del Priore, *História íntimas* – relata em seus estudos que: o sexo como pecado, característica do cristianismo, implicava a proibição de tudo o que desse prazer. Desde as carícias que faziam parte dos preparativos do encontro sexual até singelos galanteios. (p.42). Forte repreensão ao prazer, favorecia o sexo reprodutivo.



notar o sugestivo nome “vício italiano”, assim percebe-se a elevação da sodomia¹⁰ na Itália, propagou-se demasiadamente por ocorrer o afrouxamento do cristianismo, tanto que o país ficou conhecido como a “Moderna Sodoma”. Além dos italianos, os franceses entraram nesse movimento da nomeação e ficaram conhecidos por suas peripécias. Segundo Vainfas (1997), no século XVII, a corte francesa acabaria conhecida em toda a Europa como o centro da luxúria, da libertinagem e da sodomia, a ponto de o nefando¹¹ ficar também conhecido como “vício francês”¹². (p.163). Na colônia portuguesa também ocorre esse afrouxar no século XVI, nas relações heterossexuais e homoeróticas¹³. Porém, é nesse período que ocorre as reformas cristãs, onde irão retomar e propagar os discursos da conduta e moral sexual. Na Europa esse discurso fica evidente a partir do século XVII. Já na colônia se dá por meio da primeira visita do Santo Ofício, com a chegada do inquisidor Heitor Furtado em 9 de julho de 1591.

5. As reformas católicas e protestantes, a inquisição e o policiamento

As Reformas Católicas e Protestantes ocorridas no século XVI, estavam objetivadas. “Tal foi a substância do humanismo cristão e, conseqüentemente, a da Reforma e da Contra-Reforma, do que resultou um vasto e ambicioso programa de evangelização de massas em todos os domínios da vida social e religiosa.” (VAINFAS, 1997, p.21). O cristianismo não mediu forças na retomada das tradições, adentrou as diversas classes sociais na evangelização, essa propagação contribuiu às condutas sexuais e na repreensão da liberdade sexual, durante o século XVI e após¹⁴. A igreja foi grande articuladora no processo das condutas:

A missão integrava já uma estratégia ofensiva da Igreja, reunindo o que de mais caro havia no projeto tridentino: a aculturação massiva, popular e rural, e não mais a pregação limitada aos centros urbanos, como faziam os franciscanos nos séculos XIV e XV. “Deculturação” e catequese das massas, demonização e aculturação dos campos, nisso residiu, em grande medida, o essencial da Reforma Católica em sua ambição mundial. (*Ibid*, p.28)

¹⁰ Vainfas (1997), relata a origem da palavra derivada do Antigo Testamento, sobre a destruição de Sodoma, relatado em Gênesis, onde Lot recusou em oferecer os anjos que o visitaram ao suposto desejo sexual dos homens da cidade. Além disso, Ronaldo salienta que em Portugal e na colônia também eram conhecidos por fanchonos e somítigos.

¹¹ Aqueles que não devem ser nomeados, abomináveis, assim eram vistos, como escória da sociedade.

¹² A nomeação “vício francês” se deu após os processos de Reformas Católicas e Protestante.

¹³ A bigamia, tanto com homens ou mulheres. E sodomia feminina e masculina.

¹⁴ Vainfas, *op. cit.* – Os ditames do Concílio de Trento e a política global da Reforma Católica espalharam-se pela Europa desde o século XVI, embora a sistemática aplicação de suas decisões e estratégias seja típica do século XVII. (p.25). A partir de 1600 ambas vertentes do cristianismo, católica e protestante, fortaleceram seus ideais. Relacionado a vida sexual, visando sempre a relação heterossexual após o matrimônio.



Estabeleceu metas e objetivos a serem conquistados, sendo a aculturação massiva um dos seus mecanismos, levar o conhecimento religioso e as regras morais impostas pela igreja a todas as pessoas em massa, nas mais diversas localidades e classes, desfazendo práticas e reafirmando as suas condutas cristãs e sexuais, grande movimento evangelizador, onde todos seriam alcançando pelas leis “santas”. Essas “[...] Reformas Protestante e Católica, além de incentivar novas formas de devoção e piedade, tornaram suas igrejas mais vigilantes sobre a moral de seus fiéis. Entre os católicos, a Inquisição perseguia, além de heresias, crimes “sexuais”, como a sodomia, o homossexualismo e as posições do coito julgadas pecaminosas. (PRIORE, 2006, pp.73-74). A inquisição adequa-se às condutas que a reforma católica articulou, atentamos aos objetivos:

Surgida na Idade Média para detectar e combater as chamadas "seitas heréticas", a Inquisição e o estilo inquisitorial de Justiça atingiram seu apogeu na Época Moderna. Enquanto tribunal eclesiástico fundamentalmente voltado contra os desvios da “verdadeira fé”, a Inquisição seria “recriada” na Itália em 1542, poucos antes de iniciar-se o Concílio de Trento, assumindo então os mesmos objetivos da Contra-Reforma: conter o avanço do protestantismo na Península, combater os saberes eruditos que extrapolavam os preceitos do catolicismo e perseguir as manifestações da cultura e da religiosidade populares irredutíveis aos dogmas da Igreja, especialmente as práticas mágicas, a feitiçaria e as idéias ou palavras “errôneas”. (VAINFAS, 1997, pp.195-196)

O surgimento da inquisição se deu na Idade Média e foi retomada antes do Concílio, seu objetivo inicial foi na perspectiva religiosa: combater as diversas vertentes do cristianismo; trazer os fiéis para o catolicismo; parar o avanço do protestantismo, mas nada impediu de abordar e intervir na moral sexual. A partir do XVII esse movimento intensificou-se. Segundo Vainfas (1997), Europa moderna, empenhar-se-ia na depuração das mentalidades populares, na demonização dos sincretismos religiosos, na perseguição as "ofensas morais" a família e aos "abomináveis desejos heréticos". (p.196). Os abomináveis são todos aqueles que não compactuavam com a moral cristã. Na perspectiva da sexualidade os abomináveis foram as pessoas que desvirtuavam a finalidade da relação sexual tão propagada pelo cristianismo desde a Idade Média, e que retorna de forma avassaladora na modernidade por meio da inquisição: a procriação após o matrimônio, assim era propagado, o prazer era condenável.

Fala-se muito das artimanhas do catolicismo, mas, e o protestantismo? Não houve inquisição por parte deles, porém trabalharam de forma individualizada. “Paralelamente ao ritual público da Igreja surgem a oração mental e o exame de consciência, enquanto o protestantismo define a possibilidade de uma relação individual com as Escrituras.” (CHARTIER, 2009, pp.359-360). No século XVII o cristianismo começa a adotar a oração



mental, e o condicionamento da consciência à culpa¹⁵. Já os protestantes, amarram as moralidades cristãs nas escrituras onde o fiel, poderá “comprovar” as suposições argumentadas, esse processo aumentou no decorrer dos séculos.

O mecanismo de controle das condutas cristã, deu-se de forma variada entre os séculos XVI e XVII, na Europa e colônias lusitanas:

Vigilância e repressão variaram consideravelmente segundo os países e, ainda, conforme a natureza do delito praticado, de modo que tanto a Justiça civil como a eclesiástica ou a inquisitorial tiveram alçada sobre os desvios morais entre os séculos XVI e XVIII. Mas, nos países católicos, o mecanismo elementar de controle das consciências e dos comportamentos residiria no sacramento da penitência, na confissão auricular. (VAINFAS, 1997, p.24)

Existiam diversas penas para os diversos crimes, trazendo a problemática da sexualidade o exemplo da sodomia perfeita¹⁶, essa que era vista como um dos piores crimes sexuais, vejamos o caso de Doroteu. Conforme Vainfas (1997), convencidos de que Doroteu era um nefando praticante de *molícies*¹⁷, os inquisidores o condenaram ao desterro; mas, aceitando a tese de que talvez não praticara a sodomia perfeita, livraram-no dos açoites, das galés ou de castigos piores. (p.270). Na Europa e colônia as acusações partiam da sociedade, as pessoas cuidavam da vida uma das outras, assim que alguém desse indício ou realizava uma prática que não era permitida pela conduta cristã, logo as informações chegavam aos inquisidores, por meio de parentes ou nas confissões.

Entretanto, pode-se muito bem policiar a língua, a extensão da confissão e da confissão da carne não para de crescer. Pois a Contrarreforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – em detrimento, talvez, de alguns outros pecados – a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência [...] (FOUCAULT, 2015, p.21)

Quando Foucault cita o “policar da língua”, entende-se dois sentidos: a sociedade precavendo com os assuntos falados em público e no privado; e o controle da língua nas confissões para que não ocorra situações desagradáveis com a inquisição entre os séculos XVI e XVIII. As

¹⁵ Sigmund Freud, *Totem e Tabu* – o tabu é um mandamento da consciência, sua violação faz surgir um terrível sentimento de culpa. (p.67). Ao realizar uma ação sexual proibida pela moralidade cristã, surge o sentimento de culpa, essa sensação tornar-se um mártir para mente.

¹⁶ Saliento que a palavra sodomia foi utilizada para acusar as relações sexuais por meio do coito anal, visto que o homem em sua relação matrimonial poderia sodomizar a sua esposa, deste modo ele seria condenado a inquisição por sodomia, casos que Ronaldo Vainfas relata em seu livro *Trópicos dos Pecados*. Já a sodomia perfeita é caracterizada por: penetração anal com emissão de sêmen, ato que ocasionaria em punição severa, assim ocorria no processo do Santo Ofício.

¹⁷ As *molícies*, são as práticas sexuais que não envolve o coito.



confissões anuais, onde os fiéis iriam expor as suas visões da sociedade e o exame de si, essa anamnese diz respeito às suas vivências¹⁸, em ambos os casos o policiamento da língua se fez necessário. Por fim ele aborda a prudência ao se falar de sexo e, a não falar da sexualidade.

6. O Estado e a civilidade sexual

A patriarcalidade no matrimônio e a família sempre foi valorizado pelo cristianismo¹⁹, assim continuou após o século XVII:

Patriarcalismo e família conjugal jamais se excluíam, portanto, na estratégia veiculada pelas Reformas e pelos Estados europeus. E, longe de ser novo, o modelo familiar monárquico deitava raízes nas antigas tradições e no direito romano - profundamente valorizados pelos modernos juristas e humanistas da época -, bem como nas concepções judaico-cristãs da família, com a única diferença de que, para os apóstolos, a “sociabilidade” conjugal sempre fora o núcleo familiar por excelência, excluindo-se as concubinas, mas nem sempre os escravos e criados. (VAINFAS, 1997, p.119)

Com a formação dos estados nacionais, e sendo a maioria dos absolutos devotos do cristianismo, fica evidente que os valores que iriam ser impostos eram permeados por morais cristãs. As estratégias da inquisição e Reformas, fora: propagação da fé; aculturação; alcance das massas e imposição das morais cristãs e sexuais. Já a estratégia do estado na perspectiva das condutas foi o processo civilizador em prol da consciência nacional²⁰:

Nesse período de constituição do Estado e de profunda mutação da sociedade civil, em que o poder político visa a assegurar-se o monopólio da violência e a controlar as pessoas e seus corpos, bem como a produção de bens e signos culturais, ao mesmo tempo que surge um novo espaço público — que não é minha intenção descrever aqui — aparece também um espaço privado no qual, longe dos olhares e do controle da comunidade e do poder, definem-se novas práticas. (CHARTIER, 2009, p.360)

O estado visando o controle da sociedade, nas práticas culturais e íntimas, nas condutas da sexualidade o primeiro passo foi o isolamento do assunto. “No processo civilizador, a sexualidade, também, é cada vez mais transferida para trás da cena da vida social e isolada em

¹⁸ Foucault, *op. cit.* – O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações. A relação matrimonial era o foco mais intenso das restrições; era sobretudo dela que se falava; mais do que qualquer outra, tinha que ser confessada em detalhes. (p.41). Processo de controle e adequação da sociedade impondo a moral sexual cristã.

¹⁹ Norbert Elias, *O processo civilizador* – Em termos gerais, é indubitavelmente correto que o casamento monogâmico constitui a instituição predominante reguladora das relações sexuais no Ocidente. Não obstante, o controle efetivo e a modelação das relações sexuais mudou consideravelmente no curso da história ocidental. A Igreja evidentemente lutou desde cedo pelo casamento monogâmico. (p.182) A poligamia e a bigamia eram condenáveis aos olhos eclesiásticos.

²⁰ Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* – Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. (p.49). Construindo a identidade do estado, criando um história e condutas civilizadas para serem valorizadas, deste modo unindo a nação em prol da nação.



um enclave particular, a família nuclear. ” (ELIAS, 1994, p.180). Tema abordado no seio familiar, porém, sempre mantendo a conduta da moral sexual, prudência e o policiamento da língua, nem ousavam a dizer. Então há o surgimento dos manuais de civilidade onde irá abordar a conduta da sexualidade e demais comportamentos que a sociedade deveria ter, quando Chartier (2009) fala sobre o surgimento do novo espaço, ele aborda no sentido das novas condutas no público e ao privado:

Os manuais de civilidade servem ao mesmo tempo para impor novas condutas através dos modelos altamente valorizados e para excluir necessariamente do espaço público comportamentos que outrora lhe pertenciam. A vontade de mutação e de homogeneização veiculada pelos códigos de civilidade, seu projeto de modificar hábitos de vida considerados grosseiros ou arcaicos levam forçosamente a excluir do espaço social público comportamentos que não obstante são naturais. As novas civilidades acarretam o secreto na falta da renúncia: abstinência ou jejum. (CHARTIER, 2009, p.360)

Impondo novas morais embasadas pelas reformas: valorizando condutas e reprimindo outras; excluindo do público e trancando no privado; determinando práticas sociáveis ou não; por fim regrido o que é natural e o que não é. O amadurecimento dos hábitos se deu por diversas influências, sendo uma delas a religiosa. Esses costumes impostos foram praticados, condicionados, processo de fixação até naturalizar as práticas.

Na vida conjugal surge uma ruptura nas relações de poder, a esposa começa a equiparar sua autonomia, detém em si a sua patriarcalidade.

O casamento nas sociedades de cortes absolutistas dos séculos XVII e XVIII derivava seu caráter especial do fato de que, devido à estrutura das mesmas, pela primeira vez fora quebrada o domínio do marido sobre a esposa. O poder social da esposa e quase igual ao do marido. (ELIAS, 1994, p.183)

Com essa autonomia e poderio, a mulher começou a ter voz também nas relações íntimas²¹:

[...] esse fortalecimento da posição feminina na sociedade implicou (dizendo esquematicamente) uma diminuição nas restrições aos seus impulsos e um aumento das restrições nos dos homens. Ao mesmo tempo, forçou ambos os sexos a adotar uma autodisciplina nova e mais rigorosa em suas relações recíprocas. (*Ibid*)

Então elas teriam maior liberdade nas questões da sexualidade? Liberdade em sua totalidade elas não obtiveram, o que floresceu aos poucos foi o poder de dizer “NÃO” ao sexo, assim homens tiveram que lidar com seus impulsos e autodisciplina²². Elas continuaram reclusas aos

²¹ Chartier, *op. cit.* – Dessa época data também a dissimulação do orgânico: novas regras determinam os hábitos à mesa, novos comportamentos sexuais instalam a sexualidade no segredo das alcovas e das consciências. (p.360). Além do sexo e os segredos, as condutas de sociabilidade também foram condicionadas.

²² Elias, *op. cit.* – as relações extramatrimoniais dos homens foram, na verdade, proibidas socialmente, ou pelo menos sujeitas a sigilo absoluto. (p.182). Com o poderio das mulheres essas relações fora do matrimônio



assuntos libidinosos, pois a moral cristã ainda permanecia impregnada. Relacionado ao assunto da sexualidade, a vergonha era evidente. Esse fortalecimento das acanhadas foi imposto pelas morais cristãs e pelo processo civilizador por meio das cartilhas de civildade.

Foi abordado o processo da conduta sexual na perspectiva do adulto, mas, e as crianças? Como ocorre o seu desenvolver nesse meio?

O sentimento de vergonha que cerca as relações sexuais humanas tem aumentado e mudado muito no processo de civilização. Isto se manifesta com especial clareza na dificuldade experimentada por adultos nos estágios mais recentes de civilização, em falar com crianças sobre essas relações. Hoje, porém, esta dificuldade parece quase natural. Afigura-se que, por razões quase biológicas, a criança nada sabe sobre as relações entre os sexos e que é tarefa extremamente delicada e difícil esclarecer a meninas e meninos em crescimento o que está acontecendo com eles e o que acontece em volta. (*Ibid*, pp.169-170).

É interessante esse paralelo que Elias (1994) faz, comparando o fortalecimento da vergonha aos assuntos sexuais no século XVII, com atualidade. Nota-se que ainda permanece esses resquícios impregnados em nossa atual sociedade. Outro fator interessante é o que Foucault (2015) nos aponta. A criança, por exemplo, sabe-se muito bem que não tem sexo; boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. (p.08). Essa visão de a criança não possuir sexo é o que ocorria na modernidade, assim a sociedade da colônia portuguesa e europeia os tratavam. Proíbiam de falar sobre sexualidade, conversar sobre o assunto em hipótese nenhuma e assim essa questão se agravava ainda mais²³.

Com a proibição dos assuntos sexuais às crianças: métodos foram planejados para que as crianças pudessem aprender o maior domínio dos impulsos sexuais. Segundo Elias (1994). Apenas aos poucos, como se através de introversão obtida retrospectivamente, foram formulados métodos mais eficazes para adaptar a criança ao grau mais alto de domínio, comedimento sexual, ao controle, a transformação e a inibição de impulsos que foram indispensáveis à vida nessa sociedade. (pp.180-181). Para se viver nessa sociedade imposta pelo estado e o eclesiástico, a criança teria que entrar em um processo de condicionamento da mente, em outras palavras, auto se adestrar.

ocorreram ainda mais, pois os homens teriam que aprender autodisciplina, assunto que nunca foi dito, visto que antes eles possuíam a total patriarcalidade e poder sobre a mulher.

²³ *Ibid* – afirma. Só aos poucos, e mais tarde, é que uma associação mais forte de sexualidade com vergonha e embaraço, e a correspondente restrição ao comportamento, se espraiava mais ou menos uniformemente por toda a sociedade. E só quando cresce a distância entre adultos e crianças é que o "esclarecimento de questões sexuais" se toma um "problema agudo". (p.179). Quando essa explicação não ocorre produzimos uma sociedade ignorante aos assuntos sexuais.



Uma vez que no curso do processo civilizador o impulso sexual, como tantos outros, está sujeito a controle e transformação cada vez mais rigorosos, muda o problema que ele coloca. A pressão aplicada sobre adultos, para privatizar todos seus impulsos (em especial, os sexuais) a "conspiração de silêncio", as restrições socialmente geradas a fala, o caráter emocionalmente carregado da maioria das palavras relativas a ardores sexuais - tudo isto constrói uma grossa parede de sigilo em volta do adolescente. O que torna o esclarecimento sexual tão difícil - a derrubada desse muro, que um dia será necessária - não é só a necessidade de fazer o adolescente conformar-se ao mesmo padrão de controle de instintos e de domínio como o adulto. É, acima de tudo, a estrutura de personalidade dos próprios adultos que torna difícil falar sobre essas coisas secretas. (ELIAS, 1994, p.181)

O impulso sexual nesse processo é controlado, criando assim uma autodisciplina²⁴. Utilizando o silêncio para o desenvolver desse processo, restringindo a liberdade de falar do assunto, a pressão da sociedade que está adotando as condutas, logo essa parede sigilosa começou a se formar na infância e com o passar das faixas etárias fortalecerá, visto que esse processo irá acarretar na formação do adulto. “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.” (LARAIA, 2014, p.45). Deste modo as influências sociais, os ensinamentos passados de gerações a gerações, a autodisciplina irá promover no adulto a vergonha em lidar com as questões que envolve a sexualidade, haverá restrições psicológicas e sociológicas, assim contribuindo às problemáticas sexuais existentes na sociedade moderna.

7. O povoamento: meio de civilidade sexual na colônia portuguesa

A situação da civilidade – especificamente na conduta sexual – na colônia, deu-se primeiramente pela visita do primeiro inquisidor. Outro viés do arremate as morais cristãs e civilidade da colônia lusitana, foi o povoamento.

[...] muitas vezes levou a Companhia a chocar-se com a política colonizadora da monarquia e com poderosos interesses escravistas já esboçados no século XVI. É conhecida a oposição que fizeram a escravidão do ameríndio batizado, e tão grave quanto essa foi a contestação que, através da intolerância moral, fizeram a política oficial de povoamento da Colônia. Povoar a qualquer preço ainda que por intermédio de pecados, essa foi sabidamente a diretriz da política colonizadora [...] (VAINFAS, 1997, pp.40-41)

A Companhia de Jesus já percebia os resultados desse processo de civilidade na Europa, muitas vezes defrontou-se com a monarquia e sua visão política para vivenciar essa realidade

²⁴ A autodisciplina é tão intensa, repreensiva e a pressão da sociedade tornam-se maior que o próprio impulso. Segundo Freud (2013). A proibição foi aceita, pois pôde ancorar-se em poderosas forças internas; revelou-se mais forte do que o instinto que queria manifestar-se no toque. Mas, em virtude da primitiva constituição psíquica da criança, a proibição não conseguiu abolir o instinto – o desejo de tocar – e bani-lo para o inconsciente. (p.24). A criança está desenvolvendo o cognitivo, na sua fase a repreensão entra como método de aprendizado condicionado e se concretizando autodisciplina na fase adulta.



na colônia. A igreja católica não estava querendo atrapalhar esses poderosos, apenas querendo implantar tal civilidade, onde a procriação não deva ser realizada pelo pecado²⁵, que seja de forma civilizada e após o matrimônio. Era evidente a reação dos jesuítas em relação a essa situação. “Na medida do possível, os jesuítas tentaram diminuir a vinda dos indesejáveis do Reino para a Colônia: que viesse “melhor gente”, que “mandassem homens de bem”, especialmente pessoas casadas no lugar dos “degredados que cá fazem muito mal [...]” (*Ibid*, p.42). Essa estratégia de trazer pessoas civilizadas às terras além-mar, foi muito bem planejada, pois eles já visavam que aqui as famílias iriam construir uma nova nação e com elas as morais cristãs. No início não vieram as famílias de prestígio, e sim os degredados²⁶ e aventureiros sedentos por riquezas, pois ainda era um ambiente inóspito aos burgueses que viviam em condições muito diferente do que aqui se encontrara. Claro que a partir do século XVII essas famílias de bens começaram a vir para colônia, as frequentes visitas da inquisição amarrando a civilidade e a moral cristã sexual, deste modo proporcionando a imigração.

Os inquisidores não só na colônia, mas também na Europa, ficavam atentos às peripécias sexuais da sociedade. A vida pelo prazer, condenação certa no processo inquisitorial, pois viver dessa forma iria contra todo esse sistema de civilidade e moral cristã sexual.

Qualquer outro comportamento, qualquer desobediência às proibições ou restrições que prevalecem em sua sociedade, implica perigo e uma desvalorização das restrições que ele mesmo se impõe. A conotação peculiarmente emocional tão amiúde ligada a exigências morais, a severidade agressiva e ameaçadora com que são frequentemente defendidas, refletem a ameaça que qualquer desafio às proibições representa para o equilíbrio instável de todos aqueles a cujos olhos a padrão de comportamento da sociedade se tornou mais ou menos uma "segunda natureza". (ELIAS, 1994, p.168)

Essas condutas acerca da sexualidade ficaram tão impregnadas na modernidade, que passou a ser vista como “segunda natureza”, ou seja, tornou-se parte das vivências, contestar o movimento por meio das relações sexuais proibidas, é ir contra toda a sociedade, além da condenação: é a fama da loucura²⁷. “Mas outra boa qualidade de meus loucos, que

²⁵ Vainfas, *op. cit.* – Assim, corria solto o desrespeito às leis dos Estado e da Igreja no dia-a-dia da Colônia e no plano moral, o aparente desregramento sexual dos portugueses funcionava, na prática, como condição inerente ao processo colonizatório. (p.62). O desrespeito até um período foi permitido, pois era de interesse da monarquia o povoamento.

²⁶ *Ibid* – no afã de povoar a Colônia, Portugal utilizou-se sistematicamente do degredo, importante mecanismo colonizador e, ainda, depurador da própria Metrópole. (p.41). A monarquia possuía seus planos de civilidade em Portugal e aproveitou cada oportunidade.

²⁷ Loucos e devassos, eram vistos os afrontadores da moralidade sexual cristã, tornavam-se tabus da sociedade por causa das suas práticas sexuais. Segundo Freud (2013), entrar em contato com eles me torno tabu. Deste modo adentrando ao grupo seletivo dos excluídos da sociedade moderna.



seguramente não deve ser desprezada, é que eles são os únicos de todos os homens que são sinceros e verazes.” (ROTTERDAM, 2013, p.52). A loucura de Erasmo aborda a sinceridade, aquela que não tem escrúpulos, faz o que deseja sem olhar as consequências, vai além do sistema cristão imposto na modernidade, é aquele que aceita a sua verdadeira e frágil condição humana.

8. Considerações provisórias

A moral cristã influenciou e influenciou o meio social desde a Idade Média, o processo de evangelização e aculturação deu-se em grande escala, atravessou o além-mar e propagou suas condutas sexuais de acordo com os princípios eclesiásticos. Essas condutas alavancaram-se com os processos de civilidade propagados pelo Eclesiástico e Estado, visto que proporcionou o controle da sociedade, interviu na vida privada das crianças e adultos.

Falar de sexo entres os séculos XIV ao XVIII não foi permitindo, resquícios dessas regras naturalizadas perpassaram o tempo e podem ser vistas em nosso meio social. São demasiados os problemas que isso acarretou. Abordar esse assunto, no currículo escola, ainda causa polêmica. As tradições cristãs estão intrínsecas e o conservadorismo é passado de geração em geração. Tratar da sexualidade de forma naturalizada, sem preconceitos e estereótipos é um processo que levará tempo para acontecer.

9. Referências

CHARTIER, Roger. **História da vida privada, 3:** da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento.** Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Gustavo. **900 Textos e Documentos de História.** Lisboa: Plátano Editorial, s/d.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu:** algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LARAIA, Roque B. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. pp.

REVISTA DE DIVULGAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO NÚCLEO DAS LICENCIATURAS



PRIORE, Mary Del. **História do Amor**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **História íntimas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ROTTERDAM, Erasmo. **O Elogio da Loucura**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.